



DASEIN PEDAGOGIA E A PSICAGOGIA DA EXPERIÊNCIA-LIMITE

Marli Teresinha Silva da Silveira
Doutora em Educação – UPF

Eixo Temático 1 - Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação

O modo de ser do indivíduo humano está assentado sobre um princípio pedagógico ontologicamente fundamental: sua pendularidade. É da sua condição pendular, ou seja, do fato originariamente fundamental de poder transitar sobre si mesmo que torna possível ao indivíduo humano formar-se e autoformar-se. No decurso da história do pensamento, contudo, a matriz pedagógica mobilizadora das práticas educativas permaneceu vinculada a modelos epistemológicos que ora pensaram o modo de ser do indivíduo humano cativo do dentro (psique, interior), ora do fora (meio, exterior). Não sem consequências, pois tais modelos desdobraram-se, como ainda se desdobram, a partir de perspectivas e conceitos que apresentam nosso modo como inteiro, acabado, determinado, como um ente à vista. (HEIDEGGER, 1993).

Propor um novo modelo ou caminhos para a educação passa necessariamente por se repactuar o vértice pedagógico a uma concepção de ser humano que assume a errância e a vulnerabilidade como indiscerníveis ao seu próprio modo, principalmente, insurge-se a partir de uma nova matriz epistemológica aberta pela perspectiva antropológica existencial afinada ao “entre”. Para se chegar ao rasgo antropológico existencial, que servirá de base para se tematizar uma nova matriz epistemológica orientadora de uma práxis educativa alinhavada à pendularidade circunscrita ao modo de ser do indivíduo humano, percorreremos os parágrafos 72 a 76 de *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 1993), através de sua interlocução com a *Paidéia* grega, de modo especial, ao conceito de psicagogia (*psykhagogia* – condução da alma) e sua aproximação com a experiência-limite enquanto exercício ininterrupto de si.

Consideramos, inicialmente, que Heidegger não pode ser inscrito tão abruptamente ao rol dos pensadores propriamente da Educação (KAHLMEYER-MERTENS, 2008), tendo em vista que escreveu pouquíssimo sobre o tema e praticamente a partir da sua breve experiência de reitorado. Por outro lado, a

radicalidade da sua analítica existencial e o seu empenho em oferecer novas bases ontológico-epistemológicas são fundamentais para se propor um novo recorte para a formação humana. Na sua analítica existencial, desenvolvida fundamentalmente em *Ser e Tempo* (1993), o filósofo nos apresenta um conjunto de aspectos concernentes à condição humana que podem implicar o processo formativo e o *continuum* próprio do educar. Para Heidegger, aprender é um exercício constante que conduz quem aprende a aprender a aprender. Sendo um processo constante e próprio, “O autêntico pensar não pode ser apreendido nos livros. Também não pode ser ensinado, se o mestre não continuar sendo um discípulo até a velhice” (HEIDEGGER, 2001, p. 251). Para o que nos propomos, a interpretação do modo de ser do indivíduo humano como aderente ao mundo é o ponto fulcral de onde podemos apresentar um recorte pedagógico à luz da analítica existencial. É do solo da destruição da metafísica tradicional e do seu subsequente lastro no modelo objetivado e dualista da concepção de “natureza humana” que o filósofo irá repactuar com o mundo o solo fenomenal da acontecência humana.

A analítica existencial desdobra-se de uma nova concepção de sujeito, se assim se pode dizer, em que a relação com os outros e com o mundo não se dá mais a partir de uma abertura objetivante, orientada pelos pares dentro-fora, sujeito-objeto. Há uma convergência ontológica para o “entre”, deslocando os pressupostos assegurados seja pelas determinações do dentro quanto do fora. Alcança-se, com este movimento, um novo registro epistemológico oriundo dos sentidos próprios do tensionamento humano enquanto um modo acontecimental, estendido na direção de. Trazido para o campo formativo, abandona-se, em primeiro lugar, a noção de indivíduo humano dado em sua inteireza, em segundo, que lançado no mundo sem determinações, o nosso modo articula-se ao seu empreendimento no mundo, podendo assumir outras possibilidades, que são próprias, na medida em que sua existência se abre enquanto exercício reiterado de si. Não se trata mais de pensar a educação pelos meandros da incorporação de informações e habilidades e nem mesmo de uma suposta qualificação de ser, mas enquanto perspectiva alinhavada a um processo sempre aberto e em *continuum*.

Em absoluto se nega à formatividade humana aspectos relacionados à instrução propriamente dita, muito menos que não se pode educar para a cidadania e, inclusive, pautar a educabilidade das emoções. O que se reivindica é a originariedade ontológica do mundo e a possibilidade vigorosa de se assumir uma pedagogia capaz de *estender* o indivíduo humano sobre o seu próprio modo acontecendo, pois quanto mais se demora sobre si mesmo, mais poderá assumir ser autenticamente. Disso resulta que experiências

de finitude podem se inscrever como imprescindíveis para a formação humana, enquanto experiência transformadora de si, tal como se compreendia a psicagogia, seja na variante da condução da alma dos mortos para a condução da alma dos vivos. Em textos de poetas da Grécia Antiga e, de modo muito especial, nos diálogos platônicos *Fedro, Górgias e Cármites* (PINHEIRO, 2004), encontramos o sentido originário da filosofia como um caminho para se conduzir a alma humana, como um processo que constrói, naqueles que a praticam e ou aprendem, uma forma de ver o mundo, moldando atitudes, caráter. Não há uma separação do saber da prática existencial, pois é por meio de uma experiência fundamental que se efetiva uma compreensão ontológica de ser.

Embora reconheçamos que a *Paidéia* grega permaneça devedora da diferença ontológica e tributária de um modo de pensar a formação na inversa relação com o mundo, no caso de Platão, sair do mundo das aparências, protótipos das formas essenciais que se encontram no mundo das ideias, não se pode perder de vista o sentido fundamental da psicagogia. Para os gregos, a filosofia é um modo de existência, portanto, um modo de ser/estar na companhia dos outros. Uma prática racional que leva à compreensão ontológica de ser, moldando a existência ao seu empenho genuinamente filosófico. Não há separação entre aquele que pratica a filosofia e seu desdobramento existencial, são uma e a mesma coisa, acontecem simultaneamente, portanto, se inscreve aqui uma estética da existência.

No caso de Heidegger, quando trazido pelo viés de uma experiência de finitude, reconhecemos que existem implicações existenciais que oferecem ao indivíduo a possibilidade de se colocar no encaixe de si-mesmo, transitar sobre si-mesmo, como se pudesse, de alguma forma, sem deixar de estar-aí acontecendo, “visualizar” seu modo de se desdobrando. São estas experiências de finitude que tornam possível ao indivíduo compreender-se enquanto projeto lançado no mundo, podendo acolher outras possibilidades que lhe são próprias. A experiência de finitude se abre como prática psicagógica na medida em que conduz aquele que a atravessa a deslocar-se na direção de si, podendo autoformar-se, ou seja, verter para o seu modo àquilo que lhe acontece. Alargada na direção da educação, acreditamos que o alcance da experiência de finitude pode se desdobrar por meio de experiências similares em que o indivíduo pode ser conduzido intelectualmente para as proximidades de si, seja pela escrita, pela arte ou outras experiências que sejam fundamentais.

PALAVRAS-CHAVE: Psicagogia; Experiência-limite; Existência; Modo de vida.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**, 2001. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 2001.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto de. **Heidegger e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto de. Heidegger educador: do aprender e do ensinar. In: **Caderno de Filosofia e de Psicologia da Educação**. Vitória da Conquista, 2005, p. 161/171. LEDER, Drew. **The distressed body: rethinking illness, imprisonment, and healing**. The University of Chicago Press, Chicago, 2016 <https://ler.amazon.com.br/?asin=B01KHRXA3Y>.

PINHEIRO, Marcus Reis. **Experiência vital e filosofia platônica**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Filosofia, 2004.